

Subcomissão da Câmara dos Deputados testa novo método de alfabetização capaz de ensinar adultos a ler e a escrever em apenas três meses

DF - Educação

VIVER

ENSINA-ME A

Ricardo Borba



ALUNOS DO VOLTA AOS ESTUDOS, PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DA CÂMARA: PERCEBENDO QUE AS PALAVRAS SÃO DO TAMANHO DA QUANTIDADE DE VEZES QUE SE ABRE A BOCA

Da Redação

A gente que não sabe ler não existe. Vive na escuridão." É assim que dona Antônia Soares, uma senhora miúda, de 31 anos, descreve sua vida, até bem pouco tempo atrás. Hoje, segundo ela mesma, tudo mudou. "Depois que aprendi a ler, criei coragem até mesmo para desejar bom dia", ri com seu jeito alegre. Antes, ela ficava calada. Tinha medo de falar uma besteira, porque não sabia ler. Assim como Dona Antônia, outros 15,9 milhões de brasileiros enfrentam, diariamente, uma série de pequenos desafios, que passam despercebidos para quem consegue ler. Pegar um ônibus, por exemplo, pode virar um verdadeiro trabalho de Hércules. Venâncio da Silva Couto, 56 anos, chegou a pagar estranhos para levá-lo onde queria. Morador da Ceilândia, ele perdia horas sempre que pegava a condução errada. "Tinha vergonha de perguntar para onde o ônibus ia. Não queria que os outros percebessem que eu não sabia ler."

Hoje, ambos receberão o diploma de alfabetizados. Eles são parte do projeto *Volta aos Estudos*, que ensinou 127 servidores da Câmara e do Senado a ler e a escrever. "Mostramos, aqui dentro, a eficiência de um novo modelo de educação, que alfabetiza em três meses, sem nenhuma evasão", afirma a deputada Esther Grossi

(PT-RS), presidente da Subcomissão Permanente de Educação de Jovens e Adultos, da Câmara.

O método em questão é baseado na experiência do Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação (Geempa), uma Ong gaúcha que há 30 anos trabalha com educação. Eles trabalham, durante as aulas, com a percepção do pró-

prio aluno. "Não dizemos que o aluno está errado", explica o professor Rogério Póvoa. "Deixamos ele descobrir o erro."

Segundo a didática geempiana, no início, o analfabeto tende a relacionar as palavras com a imagem. Por exemplo, eles imaginam que a palavra formiguinha tem poucas letras, porque o inseto é muito pequeno. Já boi, seria

uma palavra enorme, condizente com o tamanho do animal.

Conforme vão aprendendo, eles percebem que as palavras são do tamanho da quantidade de vezes que se abre a boca. Rato. Dois sons. E assim por diante. Esse método não ensina a dividir silabas, decorar vogais ou ler na cartilha. "Instigamos o aluno a raciocinar sobre a língua, não a

memorizá-la", explica Grossi.

Os resultados são impressionantes. O faxineiro Carlindo Bezerra de Lima, por exemplo, aprendeu a escrever o próprio nome em quinze dias. Quando assinou pela primeira vez a folha de ponto, finalmente pôde enfrentar a fila junto com os colegas. Antes, por vergonha, se escondia e deixava todos passarem na sua frente. Somente quando ficava sozinho se aproximava do chefe. Cabisbaixo, sujava o dedão na almofada de tinta e gravava a impressão digital no papel.

NENHUM A MENOS

A pesar de aprender rápido, Carlindo já quis desistir do curso de alfabetização. Ele só ficou em consideração à professora Helenice Viana.

"Ela ia me buscar no meu trabalho quando eu faltava", lembra sem jeito. Para ela, quando um aluno desiste de aprender, a culpa não é dele. "Eu é que não consegui segurar", lamenta. Essa filosofia ela aprendeu no Gempa.

Segundo a deputada Esther Grossi, os docentes da ONG são instruídos a lutar pelos estudantes a unha. "Nenhum a menos", repetem para si mesmos. Quando um aluno falta, eles procuram saber por quê. Se querem desistir, eles mostram a importância de continuar. Quando sofrem, têm paciência para escutá-los.

A deputada explica que os traumas enfrentados por esses alunos fazem eles pensarem em desistir constantemente. Auto-estima é um sentimento que eles muitas vezes desconhecem. "Queria me sentir mais amada", conta Francisca Domingas, 56 anos.

Ela foi uma das alunas que mais sofreram para continuar estudando. Às vezes, sem mais nem menos, desatava a chorar na sala de aula. Tudo isso porque sentia medo do professor. Isso mesmo: medo.

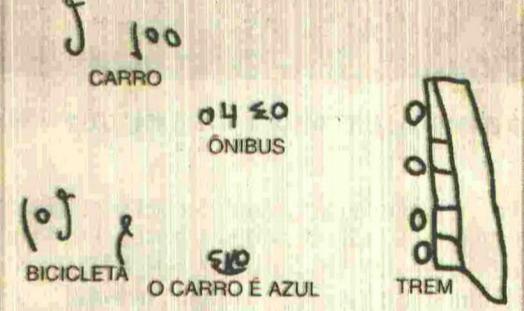
Quando era criança, em Pernambuco, ela desenvolveu trauma de escola. "Eu apanhava muito das professoras", afirma. Na-

quele tempo, ainda se usava a palavraria, e a menina de sete anos recebia, no mínimo, doze bolas (pauladas na mão) por dia. Ela era castigada por não saber o nome das letras de cor. Apavorada, acabou largando os estudos. Hoje, quase cinquenta anos depois, receberá o primeiro diploma.

Outro que aprendeu a juntar as letrinhas foi Seu Venâncio. Como Francisca, ele não queria ir às aulas porque se achava velho demais para aprender. Agora, que consegue juntar as letrinhas, não pensa mais em parar. "Vou continuar estudando para escrever direito e montar um comércio, quando me aposentar", sonha. O professor Rogério Póvoa se impressiona com a capacidade que esses alunos têm de aprender. "Basta dar a oportunidade".

A turma pioneira do *Volta aos Estudos* irá comemorar essa "nova etapa de vida" em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, participando da festa dos 30 anos do Geempa. A viagem será bancada pela Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura (Unesco). No meio de tanta alegria, fica uma única dúvida. Os servidores alfabetizados ainda não sabem se poderão dar prosseguimento aos estudos. Falta infra-estrutura para continuar a atendê-los no próprio local de trabalho. A saída encontrada, até o momento, é a de transferir as aulas para o Sesi. "Aí fica difícil, porque vamos ter que pagar mais duas passagens nos dias de aula", reclama Venâncio. A insatisfação com essa alternativa é geral.

Por enquanto, o *Volta aos Estudos* só tem estrutura para manter as aulas de alfabetização. Dona Antônia, que há pouco deixou a escuridão, lamenta. "Não queria parar de estudar". Apesar de pensar assim, ela não pretende continuar a ter aulas em outro lugar. O medo de ser rejeitada por desconhecidos ainda é muito grande. "É uma pena", suspira. "Eu gostava de ir trabalhar achando que ia soar pelo meu ganha-pão e sabedoria."



Atividade realizada na exata entrevista no dia 26 de abril de 2000

Performance de escrita do aluno em 5 de junho de 2000

PENSAR E VER

Issa foi a primeira atividade realizada pelo aluno Carlindo Bezerra de Lima, 25 anos — que sempre ficava no fim da fila ao assinar o ponto. Assim, evitava que os colegas notassem que ele era analfabeto. Os riscos representam a forma como ele pensava que se escrevia cada palavra ou frase pedida pelos professores

SONS E SÍLABAS

Inove dias depois, Carlindo já quis desistir do curso de alfabetização. Ele só ficou em consideração à professora Helenice Viana. "Ela ia me buscar no meu trabalho quando eu faltava", lembra sem jeito. Para ela, quando um aluno desiste de aprender, a culpa não é dele. "Eu é que não consegui segurar", lamenta. Essa filosofia ela aprendeu no Gempa.

Segundo a deputada Esther Grossi, os docentes da ONG são instruídos a lutar pelos estudantes a unha. "Nenhum a menos", repetem para si mesmos. Quando um aluno falta, eles procuram saber por quê. Se querem desistir, eles mostram a importância de continuar. Quando sofrem, têm paciência para escutá-los.

A deputada explica que os traumas enfrentados por esses alunos fazem eles pensarem em desistir constantemente. Auto-estima é um sentimento que eles muitas vezes desconhecem. "Queria me sentir mais amada", conta Francisca Domingas, 56 anos.

Ela foi uma das alunas que mais sofreram para continuar estudando. Às vezes, sem mais nem menos, desatava a chorar na sala de aula. Tudo isso porque sentia medo do professor. Isso mesmo: medo.

Quando era criança, em Pernambuco, ela desenvolveu trauma de escola. "Eu apanhava muito das professoras", afirma. Na-